

## Gramaticalização e contexto morfossintático: o que *acham*, *olham* e *dizem* os soteropolitanos?<sup>1</sup>

Cristina dos Santos Carvalho<sup>2</sup>  
(UNEB)

### Introdução

Os estudos sobre gramaticalização têm deslocado o seu foco de atenção do exame de itens específicos para análise das construções em que se encontram esses itens. Ademais, têm incorporado às suas análises o desenvolvimento de marcadores discursivos<sup>3</sup> (TRAUGOTT, 1997, 2014; MARTELOTTA, 2010, 2011). Assim, em consonância com esses novos direcionamentos nos estudos sobre gramaticalização, tenho investigado tanto formas como construções verbais e tenho considerado o seu desenvolvimento tanto em categorias gramaticais como em marcadores discursivos.

Neste trabalho, seguindo uma orientação funcionalista (vertente americana), analiso, a partir dos resultados obtidos com a execução do projeto *Gramaticalização de verbos em construções complexas na fala popular de Salvador: reanálise e contexto morfossintático*, a relação entre gramaticalização de formas/construções verbais e contextos morfossintáticos. Centrando minha atenção nos verbos *achar*, *olhar* e *dizer* e nos contextos de primeira, segunda e terceira pessoas do singular, busco responder ao seguinte questionamento: Qual a contribuição desses contextos, dos pontos de vista gramatical e semântico-pragmático, para as novas fun-

- 
- 1 Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada à Banca constituída pela Universidade do Estado da Bahia para avaliação do meu processo de promoção e progressão na carreira do Magistério Superior.
  - 2 Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – CAMPUS XIV (Conceição do Coité) / PPGEL (Salvador).
  - 3 Cf. definição de marcadores discursivos na seção 2 deste trabalho.

ções codificadas pelos usos gramaticalizados dos verbos analisados? Para tanto, baseio-me em usos reais do português brasileiro, mais especificamente da fala popular soteropolitana, extraídos do banco de dados do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP).

Com o intuito de discutir os aspectos envolvidos no questionamento apresentado, este trabalho está estruturado em quatro partes. Na primeira, apresento uma breve descrição do projeto desenvolvido, destacando seu objetivo, sua orientação teórica, seus participantes e produtos. Na segunda, faço uma reflexão teórica sobre a noção de gramaticalização e as implicações do rótulo “construção” e/ou do papel do contexto morfossintático para a (re)definição dessa noção. Na terceira, caracterizo o *corpus* da pesquisa no que diz respeito à sua constituição e ao perfil dos informantes e das entrevistas. Na quarta, procedo a uma análise qualitativa dos usos – gramaticalizados ou não – dos verbos *achar*, *olhar* e *dizer* registrados no *corpus*, levando em conta as formas e/ou construções verbais em que tais usos ocorrem e os contextos morfossintáticos que possibilitaram a gramaticalização. Em seguida, teço as considerações finais em relação à análise efetuada e ao questionamento aqui levantado.

## 1 O projeto de pesquisa

O projeto de pesquisa *Gramaticalização de verbos em construções complexas na fala popular de Salvador: reanálise e contexto morfossintático* está vinculado a dois grupos de pesquisa cadastrados no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): *Fala e contexto no português brasileiro* (UNEB) e *PROHPOR/ GRAM - Aspectos da Gramaticalização na História do Português* (UFBA).

O referido projeto, fundamentado nos postulados teóricos do Funcionalismo norte-americano (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993, 2003; BYBEE et al., 1994; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; TRAUGOTT, 1997; BYBEE, 2003; MARTELOTTA, 2010, 2011, entre outros), tem como objetivo geral analisar os empregos – gramaticalizados ou não – de alguns verbos (por exemplo, *achar*, *olhar*, *pensar*, *dizer*, *ver*, *saber* e *sentir*) e os contextos morfossintáticos que possibilitaram a reanálise desses verbos em formas/construções gramaticalizadas. A sua proposição foi motivada pelo fato de, na época, haver pouquíssimas notícias de estudos sobre gramaticalização – Souza (2003), Alcântara (2009), a título de exemplo - que investigassem formas/construções verbais e/ou utilizassem como *corpus* dados da fala popular de Salvador.

Do ponto de vista metodológico, para observação e análise dos dados, a pesquisa adota os pressupostos da Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa (LABOV, 1983). Advirto, no entanto, que, embora seja utilizado o instrumental meto-

dológico dessa vertente da Sociolinguística, o fenômeno linguístico aqui investigado não constitui um caso de variação linguística mas sim um processo de mudança linguística. A pesquisa segue, então, a esteira de discussões mais teóricas sobre essa questão (NARO; BRAGA, 2000; VITRAL; VIEGAS; OLIVEIRA, 2010; TAVARES, 2013) e estudos sobre o português brasileiro (GÖRSKI et al., 2002, 2003; FREITAG, 2003; CARVALHO, 2004; RODRIGUES, 2006; AMORIM, 2013, dentre outros) que têm analisado fenômenos morfossintáticos sob uma ótica sociofuncionalista.

Desde o início, a execução do projeto supracitado tem contado com a participação de bolsistas de Iniciação Científica (IC), que têm desenvolvido, sob a minha orientação, subprojetos com ênfase em diferentes verbos e contextos morfossintáticos. Como resultado desse trabalho conjunto, alguns produtos do projeto têm sido: monografias de graduação e pós-graduação, palestras proferidas e/ou comunicações apresentadas pela coordenadora e/ou bolsistas em eventos acadêmicos de abrangência nacional ou internacional; trabalhos publicados em revistas ou anais (CARVALHO, 2011, 2013; SILVA; CARVALHO, 2011, 2012; MOTA; CARVALHO, 2012; LIMA; CARVALHO, 2014; GOMES; CARVALHO, 2014); capítulos de livros (CARVALHO; SILVA, 2013).

## 2 Pressuposto teórico: a noção de gramaticalização

Desde a sua cunhagem por Meillet (1912), a gramaticalização tem sido entendida como um processo de mudança linguística que pressupõe alteração de estatuto categorial de elementos. Em uma acepção mais restrita, foi, inicialmente, vista como um processo pelo qual itens lexicais assumem, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HEINE et al., 1991; BYBEE et al., 1994, dentre outros).

Assim, a dicotomia item lexical *vs.* item gramatical tem sido considerada fundamental para o conceito de gramaticalização *stricto sensu*. Baseio-me em Hopper e Traugott (1993), Gonçalves et al. (2007) e Martelotta (2011) para caracterizar esses itens. Entre os elementos lexicais, incluem-se aqueles que fazem referência a dados – objetos, entidades, ações, estados, qualidades, sentimentos, processos, de forma geral – do mundo bio-psíquico-social e pertencem à classe dos substantivos, verbos e adjetivos. Entre as unidades gramaticais, como essa própria expressão já sugere, inserem-se aqueles que expressam funções gramaticais, a saber: marcar tempo, aspecto e modalização (verbos auxiliares ou modais); estabelecer relações lógicas entre sintagmas e orações (preposições e conjunções); indicar se entidades e participantes do discurso já foram identificados ou não (pronomes e artigos); e mostrar se essas entidades e esses participantes estão próximos do falante ou ouvinte (demonstrativos).

Tomando emprestadas as palavras de Gonçalves et al. (2007), advirto, no entanto, que a distinção anteriormente feita “serve simplesmente para diferenciar o conjunto de propriedades que identificam uma e outra categoria, o que não deve expressar um entendimento de que se está tratando a língua como portadora de categorias discretas” (GONÇALVES et al., 2007, p. 17). Uma evidência dessa não discretude na distribuição de categorias linguísticas é justamente a possibilidade de haver migração de um elemento de uma categoria para outra (1), (2), como demonstra o próprio processo de gramaticalização.

(1) Doc: Sim, então em que igrejas você costuma ir?

O1: Eu vou muito, eu **vou** todo o vinte e oito eu **vou** a S. Judas Tadeu... (PEPP, Inf. 01, p. 7)

(2) Eu acho o pior veículo pra, pra esses lances aí é a televisão, a televisão agora está abertamente, não tem controle, antigamente aqueles filmes de Tarzan, (...inint...), era o Zorro, hoje em dia é o que, umas novelinhas aí que você não pode proibir, está dentro de casa então eu **vou desligar** a televisão, ele sai e **vai assistir** em outro lugar, e aí? PEPP, Inf. 15, p. 13)

Nos exemplos acima, o verbo **ir** tem comportamento diferente: em (1), é um verbo pleno<sup>4</sup>, indicando deslocamento espacial; já em (2), funciona como verbo auxiliar diante de infinitivo, possuindo valor de futuro. O uso em (2) é resultante da gramaticalização do uso em (1), via deslizamento metafórico<sup>5</sup> do domínio do espaço para tempo.

Sobre as pesquisas iniciais sobre gramaticalização, Oliveira (2011) ressalta:

A análise, via de regra, se fazia a partir da seleção de um elemento, que, tomado como objeto de estudo, era de certa forma “isolado”, descrito e analisado. Longe de constituir limitação teórico-metodológica, o conjunto dessas pesquisas representou um marco de delimitação da nova vertente teórica, face ao viés formalista que dominava a pesquisa linguística dos anos 70. Embora houvesse referência a aspectos no nível pragmático-discursivo, como *informatividade*, *relevância*, *fluxo informacional*, por exemplo, a maioria das pesquisas focava um ou outro elemento, isolando-o do contexto efetivo em que era empregado. (OLIVEIRA, 2011, p. 39)

Todavia, na gramaticalização, a mudança categorial nem sempre opera apenas em um determinado item, mas em toda a construção em que se encontra esse

4 O rótulo “verbo pleno” remete aos chamados verbos lexicais, cujos significados fazem referência a dados do mundo bio-psíquico-social. Por essa razão, esses verbos são considerados como de significação plena, mais concreta e básica.

5 Sobre atuação da metáfora no processo de gramaticalização, conferir item 4.2 deste trabalho.

item, como ilustra o exemplo de gramaticalização do verbo *ir* em (3): nesse exemplo, *ir*, no contexto de terceira pessoa do singular, seguido da conjunção *que*, mais especificamente, na construção *vai que* (LONGHIN-THOMAZI, 2010), é empregado como conjunção condicional. Nesse contexto, a reanálise, aqui entendida como “mecanismo que atua no eixo sintagmático, caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado e uma reinterpretação dos elementos que o compõem” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 57), se dá em toda a construção, que adquire o valor condicional.

(3) Pensando bem, melhor não. Acho mais prudente não arriscar. *Vai que* eu me entrego sem querer? Definitivamente, nada pode ser pior que isso, nada pode ser pior do que sucumbir por fraqueza. <http://www.revistazunai.com.br> (28 de janeiro de 2008)<sup>6</sup>

Mais do que uma mera aglutinação de itens, o rótulo “construção” pressupõe, então, “uma unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado nem sempre estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição, nem por outras construções preexistentes na língua” (GOLDBERG, 1995, p. 04). Em outras palavras, “uma determinada expressão, uma vez amalgamada, no cumprimento de determinada função comunicativa, é um todo de forma e sentido, de modo que não se chega à aludida função pela soma dos sentidos de seus constituintes internos” (OLIVEIRA, 2011, p. 39).

Nesse sentido, é importante assinalar que construções não constituem apenas as chamadas expressões idiomáticas de uma língua já que podem ser de distintas naturezas: mais lexicalizadas<sup>7</sup> ou mais gramaticalizadas. A esse respeito, afirma Martelotta (2011):

Isso sugere que a ausência de composicionalidade não se restringe às expressões idiomáticas, manifestando-se como um fenômeno mais geral da gramática das línguas. Ou seja, salienta a realidade das construções como uma unidade da gramática o fato de seu sentido geral não ser previsto a partir da união lógica dos valores de seus componentes e o fato de podermos falar que expressões inteiras possuem sentido semelhante ou não em relação a outras expressões. (MARTELOTTA, 2011, p. 60)

6 Exemplo de Longhin-Thomazi (2010, p. 141).

7 Nesse caso, as construções são resultantes da lexicalização, que é também um processo de mudança linguística: nos termos de Martelotta (2011, p. 117), “um processo criador de novos elementos lexicais, modificando ou combinando elementos já existentes”. Alguns exemplos de lexicalização são *pé de moleque*, *colher de chá* e *Maria vai com as outras*. Cezario (2012) esclarece que, embora lexicalização e gramaticalização partilhem princípios, o produto da primeira, além de ter um sentido referencial, pode desempenhar funções sintáticas características de nomes e verbos.

Assim, na literatura linguística (TRAUGOTT, 1997; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2003; NOËL, 2007, dentre outros), com a constatação da relevância do contexto morfossintático ou da construção em que a forma fonte ocorre para a gramaticalização, tornou-se premente uma nova perspectiva de análise que deslocasse o foco de atenção apenas de itens específicos, além da redefinição do próprio processo de gramaticalização, para “mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical” (TRAUGOTT, 2009). Sobre essa mudança de perspectiva de análise nos estudos sobre gramaticalização, Oliveira (2011, p. 40) considera que as pesquisas contemporâneas “levam em conta justamente esse olhar mais holístico, que destaca o viés metonímico e a perspectiva construcional para a análise de padrões de uso cumpridores de funções no nível gramatical ou pragmático-discursivo”.

Vale ainda destacar que, em relação ao escopo do objeto de análise, neste trabalho, nos mesmos moldes em que é admitido por autores como Traugott (1997, 2014) e Martelotta (2010, 2011), assumo que os estudos sobre gramaticalização também incluem o desenvolvimento de marcadores discursivos, elementos que “veiculam estratégias discursivo-pragmáticas, indicando a atitude ou a perspectiva do falante em relação ao conteúdo transmitido ou sua preocupação com a recepção desse conteúdo pelo ouvinte” (MARTELOTTA, 2011, p. 93). Tal assunção é importante porque, em relação à gramaticalização de formas/construções verbais, o contexto morfossintático de segunda pessoa do singular tem propiciado a reanálise dessas formas/construções verbais em marcadores discursivos, acentuando-se a sua função interpessoal (HALLIDAY; HASAN, 1976), como ilustrarei no item 4.2 deste trabalho.

### **3 O corpus**

O *corpus* da pesquisa é constituído de textos da modalidade falada do português contemporâneo (século XX), extraídos do Banco de dados do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP).

O PEPP, desde a sua criação, está sob a coordenação de Norma Lopes, professora da UNEB, tendo contado ainda com a participação de outras pesquisadoras: as professoras Constância Maria Borges de Souza e Emília Helena Portella Monteiro de Souza. A implementação de tal Programa, como explica a própria coordenadora, foi motivada pela necessidade de se constituírem amostras mais atualizadas do português falado em Salvador e não apenas representativas da fala culta. Nesse caso, nos termos de Lopes (2009),

Com o PEPP, [...] pretende-se [...] suprir a falta de dados sobre o português falado pelos não universitários. Assim, o PEPP tem como níveis de

escolaridade o Fundamental e o Médio (11 anos de estudo), daí o termo *popular*, por se saber que a massa popular representa a maior parte da população que está basicamente compreendida entre esses dois níveis. (LOPES, 2009, p. 13)

O banco de dados do PEPP é composto por quarenta e oito entrevistas realizadas no período de 1998 a 2000, que exibem as seguintes características:

- (a) apresentam informantes que são naturais de Salvador e aí permaneceram a maior parte de suas vidas (nesse caso, foram adotados os mesmos critérios do Projeto NURC – Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, no Brasil, mais especificamente do Projeto NURC/Salvador); tais informantes estão distribuídos em quatro faixas etárias: de 15 a 24 anos, de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e de 65 anos em diante;
- (b) possuem aproximadamente quarenta minutos de gravação;
- (c) versam sobre os seguintes temas: a educação do passado e a do presente, a relação entre pais e filhos, os castigos.

## 4 Evidências empíricas de gramaticalização na fala popular soteropolitana: análise dos dados

Até o momento, a pesquisa tem evidenciado, no que diz respeito à descrição da fala popular de Salvador, a gramaticalização de formas e/ou construções dos seguintes verbos: *achar*, *pensar*, *esperar*, *sentir*, *saber*, *olhar* e *dizer*. Tais verbos podem ser agrupados de acordo com o contexto morfosintático examinado:

- (a) primeira pessoa do singular: *achar*, *pensar*, *sentir*, *saber*, *ver*;
- (b) segunda pessoa do singular: *olhar*, *esperar*;
- (c) terceira pessoa do singular: *dizer*;
- (d) primeira pessoa do plural: *dizer*.

Dos verbos supracitados, como já foi mencionado, neste trabalho, centro minha atenção em *achar*, *olhar* e *dizer*, respectivamente, nos contextos morfosintáticos de primeira, segunda e terceira pessoas do singular. Passo a descrever os usos encontrados para esses verbos na fala popular soteropolitana, destacando aqueles mais gramaticalizados e a sua relação com os contextos em que se instanciou essa gramaticalização.

### 4.1 O que *acham* os soteropolitanos?

Resultados de estudos empíricos sobre o verbo *achar* (GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001; FREITAG, 2003, dentre outros) têm demonstrado que falantes de



distintas cidades do Brasil (tais como São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis) têm atribuído ao verbo *achar*, no contexto de primeira pessoa do singular do presente do indicativo, mais especificamente na construção (*eu acho (que)*), diferentes sentidos, dos quais alguns sinalizam reanálise categorial desse verbo.

Na fala popular soteropolitana, também se encontram distintos usos para *achar* na construção (*eu acho (que)*): nesse caso, além do uso como verbo pleno, com o significado de ‘encontrar’ (4), *achar* tem sentidos de opinião/apreciação (5), palpite/sugestão (6), suposição/hipótese (7), dúvida (8), (9).

(4) Peixes, eu posso até, deixa eu ver se **eu acho** aqui um, eu não, devia ter pego... (PEPP, inf. 14, p. 10)

(5) DOC: As crianças antigamente eram mais obedientes, você acha que eram? São diferentes hoje?

13: **Eu acho que os meninos hoje são mais determinados**, assim em termos de querer porque a própria sociedade, a mídia influencia que os meninos hoje tenha que fazer um curso universitário, hoje também tem a própria abertura de a pessoa fazer um curso universitário né, mas antes tinha a dificuldade financeira, nem todas as crianças tinha a oportunidade que as crianças de hoje tem, por exemplo, hoje a minha filha, por exemplo, eu tenho uma filha, ele tem mais oportunidades de fazer um curso universitário do que eu, eu tive... (PEPP, inf. 13, p. 5-6)

(6) DOC: Pois é, é um perigo mesmo, né? E ... a respeito desse diálogo que você disse que os pais devem ter com os filhos. Você acha que isso tem melhorado?

20: Aí, de alguns, alguns aspectos estão melhorados, não, não está piorando, mas estão melhorando, está, está melhorando, certo? Se ... agora tem que vir desde cedo porque se deixar o filho levar ... daqui que você chegue e venha num diálogo vai ser pior. **Eu acho que você tem que começar desde cedo**, você já ensinando, ensinando, ensinando o que é, aí ele vai começar a respeitar a si próprio. (PEPP, inf. 20, p. 5)

(7) Eu ... eu acho ainda que muita coisa ... é porque existe ainda muito cristão, muita gente que vai à igreja, porque eu ... eu ... a minha concepção de igreja é essa: se eu sou uma pessoa que gosto que venham me visitar, eu também tenho que ir visitar meu Deus. E o lugar da casa de meu Deus é aonde? a igreja. **Então eu acho que eu ir ali, eu vou visitar ele, eu vou falar com ele, vou conversar**, porque eu converso, eu chego, sento, e fico, tem horas que chego parecer que estou dormindo. Eu fico conversando, conversando, conversando ... Olhe, eu saio daqui até eu voltar, eu estou com o terço na mão. (PEPP, inf. I, p. 14)

(8) Ah, tratavam muito bem né, mas não eram, mas não eram pessoas de recurso, esse lado dos G..., apesar de ter um outro lado que era assim digamos metido a rico né, mas o meu lado de cá era bem pobre, de forma que a gente



foi eh, passando né desse jeito, quando o meu pai morreu, *eu estava acho que com doze anos aí eu fui morar com a minha tia lá no Rio Vermelho*, foi aí que eu me realizei da, como assim o prazer de menino de, de conhecer o mar, [...]. (PEPP, inf. 14, p. 1)

(9) DOC: E você a, ainda hoje se encontra com ela? Já...

18: Encontro mas a raiva já passou já, *agora a gente é amigo, eu acho*. (PEPP, inf. 18, p. 2)

Em (4), o informante tem a intenção de procurar um peixe no intuito de encontrá-lo; nesse exemplo, o verbo se apresenta com o sentido de ‘encontrar’, configurando, portanto, o aspecto característico de verbo pleno. Em (5), o informante tece uma apreciação sobre o comportamento das crianças atualmente; demonstra que tem consciência sobre o assunto de que fala, explicitando a sua opinião. Em (6), o informante sugere que o diálogo entre pais e filhos comece desde cedo; nesse caso, a presença de um verbo modal - *ter que* - na oração introduzida por *achar*, contribui para reforçar o valor de palpite/sugestão (VOTRE, 2004). Em (7), o informante faz suposições, partindo do seu comportamento, de como qualquer pessoa deve se portar se for a uma igreja. Em (8), (9), o informante, mesmo dando uma informação sobre sua própria pessoa ou sua vida, demonstra incerteza, dúvida sobre a sua idade e sobre a sua amizade com uma outra pessoa, respectivamente.

Os empregos ilustrados acima demonstram um percurso de abstratização dos sentidos de *achar*. O uso como opinião/apreciação já representa um estágio de gramaticalização de *achar*, embora, nesse uso, esse verbo ainda mantenha resquícios do seu significado como verbo pleno, o que remete a um princípio de gramaticalização - persistência - postulado por Hopper (1991)<sup>8</sup>. No novo sentido, *achar* apresenta um valor mais abstratizado, comportando-se como um modalizador de opinião. É o que Votre (2004) considera como uma transição do concreto para o abstrato: o achar algo no mundo concreto para achar algo no mundo das ideias. Essa observação também é válida para os usos de palpite/sugestão e suposição/hipótese.

No que concerne ao uso de *achar* como marcador de dúvida, é perceptível que toda a construção, nesse contexto, comporta-se como um advérbio, o que pode ser evidenciado não só pelo seu sentido de dúvida mas pela sua posição deslocada na sentença: intercalada (8) e final (9). Em virtude desse seu comportamento, considero, em consonância com outros estudos sobre o verbo *achar* (GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001; FREITAG, 2003, dentre outros), que esse seja

8 Tal princípio preconiza que traços (semânticos ou morfossintáticos) da forma ou construção original podem permanecer na forma/construção gramaticalizada e refletir restrições na sua distribuição gramatical.

o uso mais gramaticalizado desse verbo na fala popular soteropolitana. Nesse caso, houve uma migração de elementos do domínio do léxico para o gramatical, mais especificamente de uma construção verbal para um advérbio.

O contexto de primeira pessoa do singular, associado ao presente do indicativo, em sentenças complexas, tem possibilitado a reanálise de verbos em modalizadores de opinião, como se pode ver no uso (*eu*) *acho que*. Caso semelhante ocorre com o verbo *sentir* no uso (*eu*) *sinto que* (CARVALHO, 2004). A relação entre a nova função linguística desempenhada pelas construções gramaticalizadas e o contexto de primeira pessoa do singular, que lhes deu origem, parece bem motivada, uma vez que tais usos marcam um ponto de vista pessoal, com uma função modalizadora, atuando como um mecanismo de preservação de face do falante.

Nos estudos funcionalistas, essa motivação entre forma/construção e função linguísticas tem sido explicada a partir da noção de iconicidade, que se contrapõe à arbitrariedade linguística. Pode-se dizer que casos de gramaticalização em modalizadores de opinião servem como ilustração da iconicidade, que atua nos estágios iniciais do processo de gramaticalização. No entanto, nos estágios subsequentes, devido à atuação de processos como erosão/redução fonética, dessemantização, podem-se atenuar as relações icônicas. É o que parece estar acontecendo com o uso de *achar* como advérbio de dúvida, que, embora ainda possa ser atualizado linguisticamente na construção *acho que* (8), tende a ser realizado, cada vez mais, em uma forma mais reduzida dessa construção, *acho* (9).

#### 4.2 O que *olham* os soteropolitanos?

Pesquisas sobre o português brasileiro e outras línguas românicas (ROST-SNICHELOTTO, 2008, 2009; ROST-SNICHELOTTO; GORSKI, 2011, dentre outras) têm demonstrado que, no contexto de segunda pessoa do singular e na forma imperativa, verbos de percepção visual (entre esses, o verbo *olhar*) têm migrado de categoria para atuarem como marcadores discursivos que desempenham a função semântico-pragmática de chamada da atenção do ouvinte.

Na fala popular de Salvador, nesse contexto morfossintático, há registros dessa mudança categorial. Assim, os falantes soteropolitanos têm utilizado *olhar*, a partir de diferentes formas (*olha*, *olhe* e *oh*), não só como verbo pleno, de percepção (10), mas também como marcador discursivo (11).

(10) DOC: Lembra de alguma surra?

46: E como me lembro, ela tinha um cipó assim atrás da porta que quando ela falava uma vez olhava para gente, olhava assim por cima dos óculos eu ia saindo, aí quando ela levantava a cabeça eu voltava, ela levantava fazia menção de parar ao lado da porta apanhar o cipó botava assim atrás da costas *olhe*, e meu Deus eu dizia, vou apanhar de novo, lapiava as pernas direitinho o cipó de garro-

cho assim cheio de perninhas, lapiava direitinho as pernas, e não tinha que chorar não, hein? Você errou assuma seu erro, vai apanhar, cipoada pelas pernas dava muita cipoada na gente pelas pernas que a gente acabava... (PEPP, Inf. 46, p. 12)

(11) DOC: Quanto é que o senhor vende o cafezinho?

37: *Olha*, já tenho oito anos vendendo há vinte... não passei a vender a vinte centavos, hoje eu vendo a vinte e cinco [...] (PEPP, Inf. 37, p. 08)

Em (10), *olhe* tem apenas estatuto categorial de verbo e apresenta o sentido de percepção dêitico espacial: nesse caso, o falante direciona a visão do seu interlocutor para o local do corpo onde sua mãe escondia o cipó para lhe dar uma surra. Em (11), como marcador discursivo, *olha* enfatiza a função interpessoal (HALLIDAY; HASAN, 1976) entre falante e ouvinte, atuando como um elemento prefaciador, tomando aqui emprestado o termo de Rost-Snichelotto (2008, 2009): mais especificamente, introduz a resposta do falante à pergunta do documentador sobre o preço do café.

Ainda segundo a proposta de Rost-Snichelotto (2008, 2009), o emprego de *olhar* como marcador discursivo pode sinalizar diferentes atitudes do falante em relação ao ouvinte. Entre essas atitudes, destaco algumas encontradas no *corpus*: advertência (12), parentetização (13), exemplificação (14), valor adversativo (15), opinião (16).

(12) DOC: Você é brigão?

47: Sou, eu gosto, eu brigo muito, eu não gosto de, lá eu sou assim, eu dou respeito aos mais velhos se me derem, porque tem, tem duas, não tem mais de, tem umas mães de família lá que eu nem falo, agora tem uma lá que eu falo, porque, que eu falei com ela, cheguei pra ela e falei, ela e o marido dela, eu brigava com o filho dela, não brigava assim não, (...inint...) batia em meus irmãos pequenos, aí só que eles batiam, agora o tamanho deles pra o tamanho dos meus irmãos, eu não gostava e queria bater neles né, “venha pegar um do seu tamanho”, aí queria bater, aí a mãe dele não gostava, aí eu cheguei um dia e falei com eles, “*olhe*, eu só vou dar respeito a vocês, se um dia vocês me derem. (PEPP, Inf. 47, p. 05)

(13) [...] naquele tempo minha mãe andava até o Barbalho nera pra pegar um bonde, acho que era bonde, não, pra descer o arco, *olha*, agora que me lembro, não tinha ônibus, descia o arco né? O arco antes era... (inint)? (PEPP, Inf. 41, p. 05)

(14) DOC: Maldade que você fala é em relação a sexo?

13: A sexo, o sexo hoje é liberal, no meu tempo o sexo não era tão liberal não.  
DOC: É desde as crianças.

13: É desde as crianças, não era liberal não, hoje em dia a criança com, *olha*, com oito anos, sete anos já tem namorado, já com dez anos, doze anos,

treze anos já está pedindo camisinha aos pais pra ter relação, tudo bem que antes da nossa geração, da minha geração já existia família que mãe teve o filho com doze, com quinze, com dezesseis, com dezessete, mas era casos... (PEPP, Inf. 13, p. 07)

(15) DOC: E você, você se lembra de algum fato interessante na época que você estava na escola?

17: [...] aí ele ficava de lá só me paquerando, e as meninas dizia que não, que ele não me queria, que ele só me queria por causa da merenda, *olha só, mas olha só*, mas ele me ensinava mate, ele me ensinava matemática que eu não sabia, naquele tempo tinha geometria, que eu não sabia, ele fazia os desenhos pra mim legal, e lá eu assinava o meu nomão lá, e tirava meu oito, meu nove, meu dez...(PEPP, Inf. 17, p. 02)

(16) DOC: Eu falo agora porque o centro da cidade é ...

41: Ali agora ficou *olhe que* acho que ali de noite pra se andar, pra pegar é perigoso. (PEPP, Inf. 41, p. 10)

Além das funções semântico-pragmáticas mencionadas por Rost-Snichelotto (2008, 2009), foi registrado, na amostra, um uso de *olhar* como marcador discursivo com valor de retificação (17).

(17) Se mainha, *oh*, se minhas irmãs não fala pra eles tomar banho, se deixar lá mainha chega e eles estão lá tudo sujo, [...] (PEPP, Inf.47, p. 9)

Um outro emprego que também indica uma mudança categorial de *olhar* foi documentado no *corpus*: o uso como clítico, que aparece atrelado a outros elementos e é sempre realizado, de forma reduzida, como *oh* (18).

(18) DOC2: E, em relação a essa questão da escola, eh, o respeito você acha que mudou de lá pra cá?

15: Mudou, antigamente tinha respeito, hoje não, eu estava numa matrícula agora, essa pré-matrícula eu tra, trabalhei nesse colégio aqui do Cabula, o professor de educação sentado no chão, as meninas chutando a bola em cima dele, antigamente fazia isso? Não, só porque ele é professor, é moderno, as meninas tudo chutando, pegando a bola botava na direção dele e chutava, outra vez chutou o caderno e ele fica, eu olhei assim, eu digo, “olhe eu vou sair daqui, não tenha nada...”

DOC2: E ele não dizia nada.

15: Nada, parecendo um palhaço ali no meio, aqui nesse colégio Otávio Mangabeira, *aí oh*, eu acho que sei lá, muita, muita liberdade. (PEPP, Inf.15, p. 5)

Em (18), o falante discorre sobre a atitude de um determinado professor e, ao se referir a um colégio, utiliza o item *aí* juntamente com o *oh*: nesse caso, *oh* funciona como um clítico atrelado ao *aí*.

Na amostra analisada, os diferentes usos de *olhar* aparecem em diferentes formas ou construções verbais, que têm como base *olha*, *olhe* e *oh*:

- (a) *olha*: *olha aí, olha só, mas olha só, olha que;*
- (b) *olhe*: *olhe aí, olhe aí oh, olhe que;*
- (c) *oh*: *aqui oh, aí oh, assim oh, aqui assim oh.*

Dos usos documentados na fala popular soteropolitana, os gramaticalizados são aqueles que funcionam como marcadores discursivos (nas suas distintas funções semântico-pragmáticas) e como clíticos.

A mudança categorial de verbo perceptivo para marcador discursivo é motivada pela atuação da metáfora, que, na literatura linguística (SWEETSER, 1990; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), tem sido vista como transferência de significados mais básicos, concretos para significados mais abstratos ou como transferência de um domínio conceptual para outro.

Partindo da assunção de que “toda metáfora é icônica até certo ponto, uma vez que está baseada num grau de semelhança, ou compartilhamento semântico entre o significado fundante e o significado derivado” (VOTRE, 1996, p. 32), quais seriam as motivações icônicas para *olhar*, no contexto de segunda pessoa do singular, ser mobilizado como marcador discursivo?

Entre os sentidos registrados, no dicionário, para *olhar* como verbo perceptivo, estão ‘fitar os olhos em’ e ‘prestar atenção a’, que parecem ser os sentidos fonte para os usos como marcadores discursivos: durante o processo interacional, o falante tem necessidade de chamar a atenção do ouvinte para algum aspecto ou alguma porção do texto proferido; o objeto desse chamar atenção, que era do plano situacional, passa para o plano textual/interacional. Nos termos de Rost-Snichelotto (2008), transfere-se o foco de atenção do ambiente situacional para a informação a ser provida pelo falante direcionada para o ouvinte.

A relação com o contexto de segunda pessoa do singular, nos usos como marcadores discursivos, também é bastante motivada: esse contexto é mobilizado porque é aquele voltado para o interlocutor no processo interacional.

Mas, se existem motivações icônicas, também pode haver perda de transparência, com uma maior abstratização de sentidos e erosão fonética, o que é evidenciado, na fala popular de Salvador, com o uso como clítico.

### 4.3 O que *dizem* os soteropolitanos?

Estudos empíricos (GALVÃO, 2001; CASSEB-GALVÃO, 2004; CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007) têm demonstrado que, no contexto mor-

9 Informações extraídas do dicionário do Aurélio *online*, no site <http://www.dicionario-doaurelio.com/Olhar.html>.

fossintático de terceira pessoa do singular, seguido da conjunção *que*, na construção *diz que*, está ocorrendo uma mudança categorial de *dizer*, que pode ser representada da seguinte forma: verbo declarativo ou *dicendi* > operador evidencial. De acordo com esses estudos, os operadores evidenciais são utilizados, nas línguas humanas, para indicarem a origem de um conhecimento, a fonte do dito.

Na fala popular soteropolitana, são registradas ocorrências de *dizer*, no contexto morfossintático de terceira pessoa do singular, não só na construção *diz que* mas também em uma outra: *disse que*, que parece ter se implementado na língua portuguesa por analogia a *diz que*.

Para ambas as construções, ocorrem empregos com valor declarativo, (19) e (20), e como operadores evidenciais, (21) a (24). Os usos evidenciais, seguindo aqui a proposta de classificação de Galvão (2001), Casseb-Galvão (2004) e Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007) para *diz que*<sup>10</sup>, podem conter diferentes significados. Entre esses, destaco aqui aqueles que, de acordo com as autoras, são aprendidos a partir do *ouvi-dizer*: reforço de verdade geral, (21) e (22), e boato/especulação<sup>11</sup>, (23) e (24), documentados no *corpus*.

(19) É o governo daqui, porque *Antônio Carlos Magalhães diz que* a violência tem que ser cobrada, vagabundo tem que ser tratado como vagabundo, se der vacilo ele mata, (...inint...), não surge um vagabundo famoso aqui em Salvador que não morra. (PEPP, Inf.15, p. 15)

(20) DOC2: Ele chegou a ir pro hospital foi?

18: Foi, porque *ele disse que* estava sentindo muita dor. (PEPP, Inf.18, p. 12)

(21) DOC: Você está morando onde agora?

43: Estou morando na casa da minha sogra. *Diz que* é muito ruim morar na casa de sogra e pior que é mesmo

DOC: É?

43: Morar na casa de sogra é ruim demais. Mas ela é legal comigo, minhas filhas. Gosta muito de minhas filhas. Meu marido... meu marido não está trabalhando, e ela está...

DOC: ... está ajudando. (PEPP, Inf. 43, p. 2)

(22) DOC: Mas essa história aí o que foi mesmo que a sua tia colocou em seu pé?

02: Toucinho quente, eh, eu furei...

DOC: Pra que?

10 Na análise dos dados, partindo da classificação de Galvão (2001), Casseb-Galvão (2004) e Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007), foram adotadas as mesmas classificações de *diz que* para *disse que*.

11 Nesta pesquisa, diferentemente das autoras, optei por considerar boato e especulação como um mesmo uso já que os casos encontrados na amostra demonstraram uma proximidade entre esses usos.

02: *Disse que* é ótimo, eh, eu furei o, o pé com prego enferrujado, aí a minha tia pegou, e minha avó, juntou todo mundo colocou toucinho quente, eu sei que foi o maior auê, minha mãe querendo...

DOC: Pra facilitar o prego sair é?

02: Não, *disse que* é bom pra não, eu acho que não, não inflamar. (PEPP, Inf.02, p. 2)

(23) 31: [...] agora mesmo a gente está no aviso aí, a gente está trabalhando no aviso, eu vou aproveitar, é, está no aviso aqui todo mundo.

DOC: É, vocês vão sair?

31: A gente não sabe, a gente não sabe como é que vai ficar a situação da gente, a gente está há dois, três meses sem receber um centavo...

DOC: É porque vai mudar a firma talvez né?

31: *Diz que* vai chegar outra firma mas ninguém sabe né. (PEPP, Inf .31, p. 08)

(24) 17: Eu me achava dona da casa, colocava aquelas velhas do abrigo noturno lá em casa porque se botasse moderna *disse que* meu pai papava...

DOC: (risos)

17: Aí as velhas chegava, “nas minhas esmolos eu ganho mais do que ficar tomando conta dessas pestinhas”, quando eu ouvia eu dava-lhe chute e mandava embora, minha mãe chegava já não tinha mais ninguém, aquele, você pode ver eu fazer o inferno, meu pai, “já que você mandou embora, você vai tomar conta da casa” [...] (PEPP, Inf. 17, p. 01-02 )

Em (19) e (20), o falante, ao usar o verbo *dizer*, relata uma declaração de outra pessoa (*Antônio Carlos Magalhães* e *ele*, respectivamente) sobre algo/alguém (violência e dor da própria pessoa, respectivamente); nesse sentido, *dizer* constitui um verbo pleno. Esse emprego é não gramaticalizado e considerado fonte para os usos como operadores evidenciais, que são gramaticalizados.

As construções *diz que* e *disse que* só admitem sujeito preenchido quando possuem valor declarativo, como ilustram, em (19) e (20), os sujeitos *Antônio Carlos Magalhães* e *ele*; nessas situações, o ouvinte sabe exatamente quem declarou a informação.

Diferentemente, nos usos evidenciais, (21) a (24), o falante, ao não explicitar a fonte da informação, não se compromete com o que está sendo dito, não tendo nenhuma responsabilidade sobre a informação veiculada.

Em (21) e (22), os falantes fornecem uma informação que é reforçada/consagrada pelo domínio público: ser muito ruim morar na casa de sogra e ser ótimo/bom colocar toucinho quente em pé furado com prego para evitar a inflamação do pé, respectivamente.

Sobre esse uso, Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 112) afirmam que, mesmo sem o falante poder precisar a fonte primeira da informação, “em determinada situação de interação, pode ser útil ao processamento da comuni-



cação explicitar que a informação veiculada é um conhecimento partilhado, uma verdade universal”.

Em (23) e (24), os falantes apresentam informações que, por serem duvidosas, constituem boatos ou especulações: na primeira situação, comenta-se a possível chegada de uma nova firma para substituir a antiga em que o falante trabalhava; na segunda situação, fala-se de o pai da informante paquerar/namorar todas as empregadas mais jovens da casa.

O interessante é que, nesse uso, os falantes têm consciência de que o fato dito é incerto, (re)transmitindo o que, para eles, é um boato ou uma especulação como um outro boato ou outra especulação. Nessa perspectiva, esses evidenciais “funcionam como ‘redentores’ do falante, que se descompromete com o valor da verdade do conteúdo asseverado” (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007, p. 113).

Do ponto de vista da sua configuração estrutural, nas construções *diz que* e *disse que*, *dizer* é seguido de *que*, como já foi mencionado; a diferença é o tempo verbal: na primeira, está no presente do indicativo e na segunda, no pretérito perfeito do indicativo.

Mesmo com essas configurações diferentes, as duas construções, quando utilizadas como evidenciais, expressam o não comprometimento, a distância do falante com o que é dito. No plano morfossintático, tal distanciamento é marcado pelo uso da terceira pessoa do singular e pela não explicitação do sujeito de *dizer*, o que demonstra uma relação entre o contexto que motivou a gramaticalização e as funções semântico-pragmáticas das construções gramaticalizadas.

A gramaticalização de *dizer*, nas construções *diz que* e *disse que*, ilustra o primeiro estágio de gramaticalização do verbo principal proposto por Lehmann (1988): verbo lexical > evidencial. Qual seria, então, a motivação para esse verbo ser mobilizado nessas duas construções? Sobre *dizer*, Machado e Casseb-Galvão (*on-line*, p. 4) ressaltam que, no português, esse verbo “integra a classe dos evidenciais lexicais”. Sendo assim, considero que essa característica de esse verbo já marcar a fonte da informação é ressignificada com a sua gramaticalização, o que também repercute na sua sintaxe: enquanto operador evidencial gramatical, *dizer* “não exerce função predicativa<sup>12</sup>, não apresenta um agente do dito, um referente no mundo real a quem se pudesse atribuir a origem da fala subsequente” (CASSEB-GALVÃO, 2004, p. 163-164).

Assim, intercruzando-se os sentidos e aspectos morfossintáticos das duas construções, a mudança categorial operou da seguinte forma: (*ele*) *diz/disse que* >

12 Nesse contexto, o termo “predicativo” remete a predicador. Por ser responsável pela seleção dos argumentos externo (sujeito) e internos (complementos), o verbo, enquanto categoria lexical, é considerado o predicador da oração.

*diz/disse que*<sup>13</sup>. Essa trajetória sinaliza que: de um lado, a fonte da informação é direta, tendo sempre um sujeito que pode estar explícito ou implícito, responsável por esse dizer; do outro, a fonte da informação passou a ser indireta e incerta e, nesse caso, não há como se explicitar o sujeito, que adquire um caráter indeterminado.

## 5 Considerações finais

Neste trabalho, demonstrei, a partir de evidências empíricas, que determinados verbos têm sido alvo do processo de gramaticalização na fala popular de Salvador e, por conseguinte, no português brasileiro. Entre esses verbos, enfatizei a gramaticalização de *achar*, *olhar* e *dizer*. Pude constatar que são apenas determinadas formas e/ou construções desses verbos que são atingidas por esse processo, o que reforça o papel do contexto morfossintático na atuação da gramaticalização. Em outras palavras, são distintos contextos que são mobilizados para as formas/construções gramaticalizadas aqui analisadas:

- (a) para *achar*, o contexto de primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, nas construções (*eu*) *acho que*, *acho que*, *eu acho* e na forma *acho*;
- (b) para *olhar*, o contexto de segunda pessoa do singular, no imperativo, em distintas formas e construções a partir de *olha*, *olhe*, *oh*: *olha* (*olha aí*, *olha só*, *mas olha só*, *olha que*); *olhe* (*olhe aí*, *olhe aí oh*, *olhe que*); *oh* (*aqui oh*, *aí oh*, *assim oh*, *aqui assim oh*);
- (c) para *dizer*, o contexto de terceira pessoa do singular, no presente e pretérito perfeito do indicativo, nas construções *diz que* e *disse que*, respectivamente.

Para esses verbos, os usos gramaticalizados são os que expressam opinião/apreciação, equivalendo a modalizadores de opinião, se comportam como um advérbio de dúvida (*achar*) e funcionam como marcadores discursivos (*olhar*) ou operadores evidenciais (*dizer*). Como esses usos ocorrem apenas em determinados contextos morfossintáticos, considero que eles sofreram uma decategorização (HOPPER, 1991)<sup>14</sup> no que concerne à pessoa gramatical (primeira, segunda ou terceira pessoas do singular) e ao tempo e modo verbais (presente e pretérito perfeito do indicativo ou imperativo).

Retomando, então, o questionamento inicial deste trabalho – Qual a contribuição desses contextos, dos pontos de vista gramatical e semântico-pragmático, para as novas funções codificadas pelo usos gramaticalizados dos verbos analisados? –,

13 Para tal consideração, parto, além dos dados analisados, do *continuum* estabelecido por Galvão (2001) para a construção *diz que*: (*ele*) *diz que* > *diz que*.

14 A decategorização é um outro princípio de gramaticalização, que postula que formas/construções gramaticalizadas tendem a perder ou neutralizar certas características morfossintáticas da sua forma/construção fonte (HOPPER, 1991, p. 22).

os resultados obtidos indicam que, em alguns estágios de gramaticalização (sobretudo os iniciais), essa relação é bem motivada. Sendo assim, os contextos de primeira, segunda e terceira pessoas do singular têm gerado, respectivamente, formas/construções verbais relacionadas ao falante (modalizadores de opinião), direcionadas para o ouvinte (marcadores discursivos) e indicadoras de distanciamento, não comprometimento do falante com o que é dito (operadores evidenciais). No entanto, em estágios subsequentes, tal motivação pode ser atenuada ou perdida com a atuação de outros fatores como redução fonética e perda de conteúdo semântico, conforme demonstram os usos de *acho* como advérbio de dúvida e de *oh* como clítico.

Sobre a relevância desta pesquisa, gostaria de ressaltar que, do ponto de vista teórico-prático, trabalhos como o que foi aqui realizado constataam, a partir de usos reais linguísticos, que formas/construções linguísticas não são estanques, mas fluidas, podendo migrar de uma categoria para outra. Nessa perspectiva, é preciso que os resultados desses trabalhos ultrapassem os muros acadêmicos e cheguem às salas de aula de língua portuguesa como evidências empíricas de que as línguas humanas são flexíveis e, portanto, passíveis de mudança e de como esse processo nelas atua.

## Referências

- ALCÂNTARA, Rebeca Cerqueira Andrade de. *Transitividade e gramaticalização do verbo pegar em dados de língua falada*. Salvador: UFBA, 2009 (Dissertação de Mestrado).
- AMORIM, Fabrício da Silva. A interface sociolinguística/ gramaticalização: o caso dos conectores causais. In: LOPES, Norma Silva; BULHÕES, Lígia Pelon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos (Org.). *Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro sociolinguística paramétrica sociofuncionalismo*. Feira de Santana: UEFS, 2013, p. 99-116.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Ed.). *The handbook of historical linguistic*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- \_\_\_\_\_. et al. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: University of Chicago, 1994.
- CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Campinas: UNICAMP, 2004 (Tese de Doutorado).

- \_\_\_\_\_. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. *Estudos Linguísticos*, v. 40. n. 1, Campinas, 2011, p. 82-91.
- \_\_\_\_\_. Sentenças completivas do verbo *achar*: graus de vinculação sintática, contexto morfossintático e gramaticalização. *Anais do IV SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Goiânia, UFG, 2013.
- \_\_\_\_\_; SILVA, Eliêda de Matos. Usos do verbo ACHAR na fala popular de Salvador: gramaticalização e contexto morfossintático. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pelon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos (Org.). *Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro, sociolinguística paramétrica, sociofuncionalismo*. Feira de Santana: UEFS, 2013, p. 37-62.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia. De predicação matriz a operador evidencial: a gramaticalização de *diz que*. *VEREDAS*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e 2, jan./dez., 2004, p. 163-181.
- \_\_\_\_\_; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. As rotas de gramaticalização de *diz que* e *tipo* no português do Brasil. In: MENDES, Ronald Beline. *Passando a palavra: uma homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Paulistana, 2007, p. 105-122.
- CEZARIO, Maria Mauro. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. SOUZA, Edson Rosa (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-32.
- \_\_\_\_\_. *Gráus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001 (Tese de Doutorado).
- FERREIRA, Naiara de Souza. *O fenômeno de redução da partícula não no português falado na cidade de Salvador*. Salvador: UFBA, 2014 (Dissertação de Mestrado).
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 2003 (Dissertação de Mestrado).
- GALVÃO, Vânia Cristina C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão “diz que”*. Araraquara: UNESP, 2001 (Tese de Doutorado).

- \_\_\_\_\_. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Campinas: UNICAMP, 1999 (Dissertação de Mestrado).
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- GOMES, Jande Cleia Capistrano Gomes; CARVALHO, Cristina dos Santos. Usos gramaticalizados de verbos e o contexto morfossintático de terceira pessoa do singular. *Anais da XVIII Jornada de Iniciação Científica*. Salvador, UNEB, 2014.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GÖRSKI, Edair Maria et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2003, p. 106-122.
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. *Estudos Linguísticos* [Anais do GEL], n. 31. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/GT9.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2013.
- HALLIDAY, Michael. A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.
- HEINE, Bernd et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. 2 vols. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- \_\_\_\_\_; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 1993.

\_\_\_\_\_. *Gramaticalization*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University, 2003.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. v. 1. Cambridge: Blackwell, 1995.

LEHMANN, Cristian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LIMA, Emily Karoline Oliveira Pimentel; GOMES, Jande Cleia Capistrano; CARVALHO, Cristina dos Santos. Casos de gramaticalização de verbos nos contextos de segunda e terceira pessoas do singular. *Atas do III ENCONTRO DE SOCIOLINGUÍSTICA*, Salvador, UNEB-PPGEL, 2013.

LIMA, Emily Karoline Oliveira Pimentel; CARVALHO, Cristina dos Santos. Usos gramaticalizados de verbos e o contexto morfossintático de terceira pessoa do singular. *Anais da XVIII Jornada de Iniciação Científica*. Salvador: UNEB, 2014.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia. “Vai que eu engravidado de novo?”: gramaticalização, condicionalidade e subjetivização. *Lusorama*, Frankfurt am Main, v. 81-82, 2010, p. 135-150.

LOPES, Norma da Silva. O PEPP: histórico e caracterização. In: LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Constância M. B.; SOUZA, Emília Helena Portella (Org.). *Um estudo da fala popular de Salvador: PEPP*. Salvador: Quarteto, 2009, p. 13-18.

MACHADO, Lorena; CASSEB-GALVÃO, Vânia. *Construções evidenciais derivadas de dizer no português falado em Goiás: um estudo em faixas etárias*. Disponível em: [https://gef.letras.ufg.br/up/820/o/MACHADO\\_ArtigoPIBIC.pdf](https://gef.letras.ufg.br/up/820/o/MACHADO_ArtigoPIBIC.pdf). Acesso em: 19 nov. 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem).

\_\_\_\_\_. Unidirecionalidade e gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 139-172.

- \_\_\_\_\_; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996, p. 24-40.
- MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, 12.26:6, 1912, p. 384-400. Repr. in A. Meillet, *Linguistique historique et linguistique général*, 1:130-148. Paris: Champion, 1948.
- MOTA, José Reinan Moreira; CARVALHO, Cristina dos Santos. Usos do verbo SABER na fala popular de Salvador: gramaticalização e contexto morfossintático. *Anais da XVI Jornada de Iniciação Científica*. Salvador: UNEB, 2012.
- NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Rio de Janeiro, UFF, n. 9, 2000, p. 125-135.
- NOËL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language*, v. 14, n. 2, John Benjamins, 2007, p. 177-202.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e gramática: teoria gramatical ou teoria do uso. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 12, n. 1, jan./jul., 2011, p. 36-45.
- RODRIGUES, Angélica T. Carmo. *Eu fui e fiz esta tese: as construções do tipo “foi fez” no português do Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2006 (Tese de Doutorado).
- ROST-SNICHELOTTO, Claudia Andrea. “Olha” e “vê”: *caminhos que se encontram*. Florianópolis: UFSC, 2009 (Tese de Doutorado).
- \_\_\_\_\_. Variação dos marcadores discursivos de base verbal nas línguas românicas. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 9, n. 2, jul./dez., 2008, p. 41-56. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/1984-8420.2008v9n2p41/9353>. Acesso em: 30 jan. 2014.
- \_\_\_\_\_; GORSKI, Edair Maria. (Inter)subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização. *Alfa*, 55 (2), São Paulo, 2011, p. 423-455. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4735/4040>. Acesso em: 30 jan. 2014.
- SILVA, Eliêda de Matos; CARVALHO, Cristina dos Santos. EU ACHO (QUE) na fala popular de Salvador: gramaticalização e contexto morfossintático. *Anais da XV Jornada de Iniciação Científica*. Salvador: UNEB, 2011.



- \_\_\_\_\_. Usos gramaticalizados de verbos e o contexto morfossintático de primeira pessoa do singular. *Anais da XVI Jornada de Iniciação Científica*. Salvador: UNEB, 2012.
- SOUZA, Emília Helena P. Monteiro de. *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. Salvador: UFBA, 2003 (Tese de Doutorado).
- SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University, 1990, p. 23-48.
- TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar*. Ed. Esp. ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v. 17, jan./jun. 2013, p. 27-48.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and construction grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.). *História do português paulista*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2009, p. 91-101.
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, v. 12, n. 22, 2014, p. 98-108. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/9c040d169d-41fdcd4d0d0c12f4fdbd02.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2014.
- \_\_\_\_\_. The role of the development of discourse marks in a theory of grammaticalization. Paper from the ICHL, XII, Manchester, 1997. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2010.
- VITRAL, Lorenzo; VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel de. Inovação versus mudança: a intersecção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 201-228.
- VOTRE, Sebastião Josué. Continuidade e mudança em verbos cognitivos em latim e português. *Atas do XLIX SEMINÁRIO DO GEL*. Marília, mai./2001.
- \_\_\_\_\_. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, Sebastião et al. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004, p. 11-49.

\_\_\_\_\_. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1996, p. 15-23.